

Pablo Ciccolella | Regina Tunes

ORGANIZADORES

Metamorfoses metropolitanas contemporâneas na **AMÉRICA LATINA**

LETRAPITAL



Pablo Ciccolella é Doutor em Geografia e Urbanismo, formado na Universidad de Buenos Aires e na Université de Paris III. Atualmente é Diretor do Programa de Desenvolvimento Territorial e Estudos Metropolitanos do Instituto de Geografia (UBA), Professor Consulto Titular do Departamento de Geografia da Facultad de Filosofía y Letras (UBA) e Professor Visitante no Programa de Pós-graduação em Geografia da UERJ. Tem uma reconhecida trajetória na gestão acadêmica, na produção de conhecimento e na docência de graduação e pós-graduação, além de múltiplos trabalhos como consultor internacional. Tem publicado numerosos livros, dossiês, artigos e partes de capítulos de livros na sua especialidade.

Regina Tunes é Professora Adjunta do Departamento de Geografia Humana do Instituto de Geografia (IGEOG) e Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre e Doutora pelo Programa de Geografia Humana da USP, atuando especialmente na pesquisa voltada para a Geografia Econômica e Geografia Regional. Realizou estágio de pós-doutoramento atuando como Pesquisadora Visitante no Departamento de Geografia da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Pesquisadora do Núcleo Rio de Janeiro do INCT Observatório das Metrópoles e Vice-Líder da Rede Latino-Americana Espaço e Economia (Relaee). Pesquisadora ProCientista (FAPERJ/UERJ), Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE - FAPERJ) e Produtividade em Pesquisa (CNPq, nível C). Editora-Chefe do periódico GeoUERJ (Qualis A1). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Geografia Econômica (NEPGE) do Departamento de Geografia Humana do IGEOG/UERJ.

O livro analisa as transformações territoriais derivadas das mudanças estruturais recentes do capitalismo, caracterizadas por inovações tecnológicas, pelo aprofundamento das tendências de globalização e pelo avanço do neoliberalismo e a financeirização. Essas tendências se aprofundaram e aceleraram na década de 1990 na América Latina, e isso deu origem a mudanças na divisão territorial do trabalho e na relação entre estado, economia e sociedade, que se reflete em novas articulações territoriais e profundos câmbios na estrutura e morfologia dos grandes espaços urbanos. O foco desse livro está colocado em reflexões teóricas e contextuais desses processos de metamorfoses, tomando os casos de Buenos Aires, México, Rio de Janeiro e São Paulo.

Os conteúdos recolhidos nesse livro, refletem a cooperação e aprofundamento das relações entre o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o Instituto de Geografia da Universidad de Buenos Aires em temáticas de Geografia Econômica, Economia Política e Geografia Urbana a partir do intercâmbio de pesquisadores dessas instituições nas atividades de investigação e pós-graduação. Nessa experiência docente convergem, além dos coordenadores, reconhecidos pesquisadores de Argentina, Brasil e México e pesquisadores jovens de ambas as instituições.

Pablo Ciccolella | Regina Tunes
ORGANIZADORES

METAMORFOSES METROPOLITANAS
CONTEMPORÂNEAS NA AMÉRICA LATINA

LETRCAPITAL

CONSELHO EDITORIAL
SÉRIE LETRA CAPITAL ACADÊMICA

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Copyright © Pablo Ciccolella e Regina Tunes, (Orgs.), 2025

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais
forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Dos autores

CAPA Maria Clara Fagundes
Imagem: Juan Carlos Ciccolella,
Psicogeoma, 2017

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO Luiz Guimarães

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M551

Metamorfoses metropolitanas contemporâneas na América Latina [recurso eletrônico]
/ organização Pablo Ciccolella, Regina Tunes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : LetraCapital, 2025.
Recurso digital ; 6000 MB

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-230-6 (recurso eletrônico)

1. Geografia urbana - América Latina. 2. Urbanização - América Latina. 3. Política pública
- América Latina. 4. Livros eletrônicos. I. Ciccolella, Pablo. II. Tunes, Regina.

CDD: 307.76098

25-101582.0

CDU: 911.375.1(8)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465
www.letracapital.com.br

Sumário

Prefácio	7
MARIA LAURA SILVEIRA	
Introdução	13
PABLO CICCOLELLA E REGINA TUNES	
Reestructuración capitalista y metamorfosis territorial	21
PABLO CICCOLELLA	
Inovação e produção do espaço: os distritos inovadores como políticas públicas urbanas no capitalismo contemporâneo	46
REGINA TUNES	
As condições gerais de produção: um conceito potente para se compreender as aglomerações urbanas e regionais	81
SANDRA LENCIONI	
El nuevo despilfarro urbano de la Ciudad de México. Especulación y urbanización financiarizada	106
VÍCTOR DELGADILLO	
Capitalismo de plataformas y transporte público: Apuntes para una economía política de las <i>Smart Cities</i> ..	134
ANDREA GUTIÉRREZ	
Novos traços da terciarização no Rio de Janeiro: divisão territorial do trabalho e espaços da globalização na cidade	181
ROBERTO BARRETO ALVAREZ	
Periferias dispersas, segregadas y fragmentadas. Un recorrido por las metrópolis latinoamericanas y por el sur de la Región Metropolitana de Buenos Aires (RMBA) con foco en la renta del suelo.....	207
JUAN PABLO VENTURINI	
Sobre os autores	250

Prefácio

MARIA LAURA SILVEIRA¹

É sempre instigante defrontar-nos com pesquisas que, sem esquecer a história do espaço geográfico e particularmente das cidades, debruçam-se sobre fenômenos novos, exigentes de um renovado esforço de compreensão. Nesta obra, cuja unidade é perceptível ao longo da leitura dos capítulos, pesquisadores de longa trajetória, em diálogo com jovens pesquisadores, nos oferecem um panorama crítico das transformações urbanas do primeiro quartel do século XXI.

Sem dúvida, são as metrópoles latino-americanas as personagens principais de cada um dos enredos, mas elas nunca são vistas sem uma referência permanente ao mundo globalizado. Assim, algumas manifestações urbanas, nascidas em outras latitudes, são aqui consideradas para contribuir ao entendimento dos traços comuns do período e das diferenças entre lugares.

Com diversos prismas de análise, os autores descortinam inúmeras feições da metrópole vivente da América Latina. Do início ao fim do livro parece ecoar na mente do leitor a ideia de que, neste momento já avançado da globalização, assistimos a um fenômeno urbano de nova escala e natureza, cujas existências tanto se revelam como se ocultam na paisagem urbana e nos paradoxos da vida social contemporânea.

Como resultado da incorporação de uma tecnologia crescentemente sofisticada, a especialização e a divisão do trabalho produzem uma incessante reconfiguração morfológica e dinâmica da metrópole. Evidenciando uma realidade com-

¹ Pesquisadora Principal do CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas) no Instituto de Geografia da Universidade de Buenos Aires e Professora no Mestrado em Políticas Ambientais e Territoriais e no Doutorado em Geografia na Universidad de Buenos Aires.

plexa e contraditória, as áreas centrais conhecem processos, sucessivos e concomitantes, de desvalorização e valorização, de adensamento e esvaziamento. Como elucida Regina Tunes, o papel da inovação e a implantação dos respectivos distritos, por meio de políticas que hibridizam a ação do Estado e a ação das empresas, revaloriza localizações centrais em diversas cidades e, mormente, no Rio de Janeiro. Nesse contexto, os usos mistos do espaço urbano voltam à cena, como também acontece no centro da cidade do México, acrescenta Victor Delgadillo, onde a construção de enclaves urbanos com prédios de habitação, escritórios, comércios e demais usos orientados às classes médias e altas assinalam uma requalificação desses pedaços da cidade. Já na Zona Portuária do Rio de Janeiro, podemos reconhecer, afirma Roberto Barreto Alvarez, a formação de um centro empresarial moderno, porém rarefeito, destinado a sediar os escritórios de grandes firmas – cuja topologia no território brasileiro não para de estender-se e transformar-se – e a abrigar um leque de serviços qualificados às empresas. Já se vê por aí que, com morfologias variadas, os centros consolidam seu papel de acolher uma parcela do comando exercido pelas grandes metrópoles no território, tal como assinala Pablo Ciccolella.

Imposição de formas materiais e organizacionais, que permitem atrair novas e seletas camadas da população nos distritos da inovação (Regina Tunes), rarefação de formas modernas e permanência de rugosidades, como na Zona Portuária do Rio de Janeiro (Roberto Barreto Alvarez) ou, inclusive, vazios de população e dos respectivos usos em edifícios de alto padrão – um verdadeiro esbanjamento urbano – na Cidade do México, como alerta Victor Delgadillo, são modos de pressão sobre a população mais pobre residente nas áreas centrais e, em decorrência, da sua expulsão para a periferia. Resultado da aceleração contemporânea, a efemeridade de formas e usos parece constituir a essência desse palimpsesto que é o tecido urbano na porção central. Um leque de conflitos sociais habita o coração da metrópole.

Nessa dinâmica, a expansão da mancha urbana é também reveladora da reconfiguração morfológica da metrópole. À produção de habitação social nas periferias distantes da Cidade do México sucede, explica Victor Delgadillo, uma nova vaga de urbanização financeirizada, a partir da construção de condomínios industriais e equipamentos logísticos, assim como da realização de megaprojetos por parte das grandes imobiliárias – FIBRAS –, ao ritmo do *nearshoring*. Tais transformações na divisão territorial do trabalho vão demandar nodos de nova natureza para unir os circuitos espaciais de produção na mancha urbana. Pablo Ciccolella reconhece nos atuais produtos imobiliários, tais como condomínios fechados, distritos tecnológicos, condomínios empresariais e centros logísticos, um novo padrão de metropolização, uma vez que fortalecem os nexos entre metrópoles, enclaves e áreas rurais.

Além das demandas corporativas, o crescimento da população, a falta de acesso à terra e a especulação imobiliária são também fatores fundamentais para compreender a morfologia e a velocidade da expansão metropolitana atual. Na Região Metropolitana de Buenos Aires, analisada por Juan Pablo Venturini, o crescimento demográfico do terceiro e do quarto anéis acompanha-se de uma expansão urbana dispersa, sob a forma de condomínios residenciais fechados como no Corredor Verde Canning-San Vicente, loteamentos abertos orientados a classes médias e médias baixas e assentamentos informais. Tratar-se-ia de uma nova fronteira do avanço imobiliário que, aproveitando as áreas rurais intersticiais do sul da região metropolitana, permite às empresas do ramo uma apropriação privada da renda da terra, agora tornada urbana. A segregação socioespacial consolida-se como modo de expansão metropolitana.

No intuito de apreender a natureza dos fenômenos estudados, os autores, cada um no seu compasso, adentram-se na análise dos fluxos de informação e dinheiro, os quais permitem compreender, ensina Sandra Lencioni, as condições gerais de produção na contemporaneidade. Se, no passado, a busca pela

aceleração do tempo levou à revolução dos transportes e, com isso, o consumo socializado alcançou um novo patamar, hoje, assegura a autora, a alta integração nas áreas mais urbanizadas decorre de fluxos de toda natureza.

Como assevera Andrea Gutierrez, as sucessivas revoluções tecnológicas levaram a uma multiplicação dos fluxos de transporte porque permitiram aprimorar a relação entre oferta e demanda graças à automação da venda de bilhetes, ao adiamento do seu pagamento, à interoperabilidade dos sistemas de transporte, à unificação da gestão das empresas de transporte e à coprodução de dados de localização. Poderíamos dizer que a integração metropolitana se consolida graças a um adensamento do mapa de movimentos. No entanto, não se trata somente de fluxos de transporte de pessoas, mas também e cada dia mais, de movimentos de pessoas e objetos originados pela utilização de *smartphones* e aplicativos, possíveis pela financeirização que atravessa todas as camadas sociais, conclui a autora. Em outras palavras, as empresas de plataformas ganham peso na produção de fluxos que integram trabalhos, pessoas e lugares, aumentando a coesão das regiões urbanas. Configura-se uma micrologística da cidade, no dizer de Pablo Ciccolella, abrangendo aspectos como mobilidade, emprego e trabalho, a partir de diversas formas e com diferentes graus de terceirização.

Mas, como explica Andrea Gutierrez, o transporte público produz, na realidade, duas mercadorias: o serviço de transporte propriamente dito e os dados geoespaciais. A falta de regulação na produção e circulação de tais dados por parte do Estado, na Argentina, faz com que esse enorme volume de dados flua de forma gratuita para as empresas de transporte e de plataformas. A produção do transporte ganha uma nova natureza, mercê à técnica contemporânea e ao tamanho do meio construído urbano. Elástica, a atual demanda de mobilidade torna-se cobiçada e disputada pelas firmas de transporte público, pelas empresas de plataformas e pelas indústrias de veículos de todo tipo. Quantos mais interstícios são deixados pelo transporte público e quanto

mais premente é a vida social, mais cresce a economia de escala de tais agentes novos e renovados.

Por isso, hoje as condições gerais de produção não podem ser pensadas sem a importância dos fluxos de informação. Dados geoespaciais (Andrea Gutierrez) e informação-segreto produzida pelos serviços às empresas (Roberto Barreto Alvarez) são alguns dos fluxos de informação que permitem o crescimento horizontal do circuito superior da economia urbana.

Os produtos e serviços financeiros e os fluxos de dinheiro permitem compreender, também, a natureza do fenômeno metropolitano. A pesquisa de Victor Delgadillo mostra como numerosos prédios são construídos como ativos financeiros, participando do movimento de títulos, bolsas e securitização. A racionalidade da produção de formas urbanas que imediatamente se tornarão fantasmagóricas e contribuirão para maior segregação socioespacial fica assim descortinada, em virtude das novas lógicas do capital rentista imobiliário (Regina Tunes).

Entrelaçadas, a informação e a finança participam da integração dos grandes corpos urbanos. Como escreve Sandra Lencioni, a integração e coesão das grandes aglomerações, fundada na maior densidade das condições gerais de produção, permite falar de megarregiões. É o caso da megarregião Rio de Janeiro-São Paulo, que inclui três metrópoles e vai além delas, podendo ser esquadrihada, entre outros elementos, pelo Projeto Giga e pelo movimento aéreo de passageiros.

Portanto, não é a continuidade que define as megarregiões, mas a integração de suas partes e funções (Sandra Lencioni). Daí que a aceleração se torne um elemento constitutivo da forma e da dinâmica dessas grandes regiões urbanas, permitindo imaginar uma sucessão de momentos, caracterizados pela obsolescência e substituição de infraestruturas, que obriga a um permanente esforço de renovação das condições gerais de produção.

Dir-se-ia que uma nova economia política nasce da existência dessas megarregiões, demandando quiçá um planejamento

acorde a essa escala territorial e capaz de antever as questões contemporâneas, no intuito de evitar a formulação de políticas públicas que, porventura, fiquem a reboque dos problemas da sociedade e do espaço.

Com uma linguagem precisa, porém acessível, o livro *Metamorfoses metropolitanas contemporâneas na América Latina*, organizado por Regina Tunes e Pablo Ciccolella, põe à disposição do leitor um conjunto de conceitos basilares e de novos elementos empíricos sobre as metrópoles latino-americanas. É uma leitura indispensável para os estudantes de graduação e pós-graduação e para todos os pesquisadores que nos debruçamos sobre problemas territoriais e urbanos.

Introdução

PABLO CICCOLELLA E REGINA TUNES

Esta obra propõe-se discutir e analisar alguns aspectos das mudanças territoriais que vem ocorrendo desde o início dos anos 1970, quando começa a se definir uma nova etapa no sistema capitalista, caracterizada por novas rupturas tecnológicas, pelo aprofundamento das tendências de globalização econômica e pela generalização de uma concepção neoliberal do Estado e as mudanças nas formas de regulação. Essas tendências se aprofundaram e se aceleraram particularmente na década de 1990 na América Latina, e isso deu origem a uma nova divisão territorial do trabalho e a uma nova relação entre Estado, economia e sociedade que se reflete em novas articulações territoriais e profundas mudanças na estrutura e morfologia, tanto dos espaços rurais como dos espaços urbanos, e numa forte interpenetração entre eles. O foco desse livro está colocado em reflexões teóricas e contextuais desses processos, em particular as metamorfoses nas grandes metrópoles latino-americanas, estudando algumas particularidades dos mesmos em Buenos Aires, São Paulo, México e Rio de Janeiro.

Os conteúdos recolhidos nesse livro, tem uma primeira origem na cooperação e aprofundamento das relações entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade de Buenos Aires (UBA) em temáticas de Geografia Econômica, Economia Política e Geografia Urbana. Em particular do Programa de Pós-graduação em Geografia da UERJ e o Instituto de Geografía, da Facultad de Filosofía y Letras da UBA, que vem ocorrendo cada vez com maior intensidade nos últimos anos, com intercâmbio de pesquisadores de ambas as instituições nas atividades de investigação e pós-graduação. Eventos tais como o VI Colóquio Espaço e Economia, celebra-

do na UERJ, em setembro de 2022, o Seminário Internacional Capitalismo de Plataformas y Territorio, na Facultad de Filosofía y Letras da UBA em março de 2023, e o XVII Colóquio Internacional de Geocrítica, realizado na UERJ em maio de 2024, tem sido algumas das importantes atividades que refletem essa cooperação.

Mais recentemente e de maneira mais específica, os conteúdos desse livro são produtos do Seminário Internacional “Mudanças no capitalismo e metamorfoses metropolitanas contemporâneas na América Latina”, coordenado pelo Dr. Pablo Ciccolella, Professor Visitante na UERJ, durante o primeiro semestre de 2024 no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da UERJ. Nessa experiência docente convergiram além do coordenador, reconhecidos pesquisadores latino-americanos que participaram com palestras magistrais no âmbito do Seminário e que fazem parte desse livro.

Essa experiência, protagonizada pelo docente, pela Profa. Dra. Regina Tunes, -até 2024 coordenadora do PPGEO-, e por vários pós-graduandos do PPGEO-UERJ, merece não ficar sem um produto final que reflete as ideias, discussões e aportes, tanto dos docentes, dos palestrantes convidados, como dos alunos e pesquisadores jovens. Portanto, o livro completa-se com os aportes de um discente doutorando desse Seminário e de um pesquisador jovem do Instituto de Geografía da UBA, num intento de articular saberes de distintas gerações de geógrafos e pensadores sobre problemáticas territoriais.

O livro está estruturado em 7 capítulos com participações de pesquisadores dos países da Argentina, Brasil e México na América Latina, além do Prefácio redigido pela pesquisadora Maria Laura da Silveira e essa introdução escrita pelos organizadores do livro.

O primeiro capítulo intitulado “Reestructuración capitalista y metamorfosis territorial”, do geógrafo argentino Pablo Ciccolella, analisa as transformações recentes do sistema capitalista e suas repercussões espaciais e territoriais, situando-as no contexto de uma crise multidimensional, universal e crôni-

ca. O autor discute como as sucessivas rupturas tecnológicas, desde a terceira revolução industrial até o atual capitalismo neoliberal-digital, vêm remodelando a acumulação, o papel do Estado e a produção do espaço. Argumenta que o Estado neoliberal não se caracteriza por desregulação, mas por uma nova forma de regulação desnacionalizada, voltada à lógica do capital corporativo. A incorporação das tecnologias digitais, plataformas e inteligência artificial estaria impulsionando uma quinta revolução tecnológica, intensificando a financeirização, a precarização do trabalho e a metamorfose territorial, visível na formação de megarregiões e novas morfologias urbanas. No contexto latino-americano, o autor identifica uma tensão entre neodesenvolvimentismo e neoliberalismo, com experiências progressistas incapazes de romper a hegemonia neoliberal. Conclui que a nova fase do capitalismo redefine as escalas e ciclos do território, exigindo uma revisão crítica da governança e das políticas públicas diante da ascensão de um espaço global interdependente e crescentemente controlado por plataformas digitais e grandes corporações.

O segundo capítulo de autoria da geógrafa brasileira Regina Tunes e intitulado “Inovação e produção do espaço: os distritos inovadores como políticas públicas urbanas no capitalismo contemporâneo”, analisa como os distritos de inovação se configuram como instrumentos centrais das políticas públicas urbanas no contexto do capitalismo cognitivo, no qual o conhecimento e a inovação tornam-se forças produtivas fundamentais. A autora discute o papel das cidades na economia do conhecimento, destacando que tais distritos representam novas formas de articulação entre interesses locais e globais, expressando a instrumentalização do espaço pelo capital produtivo e rentista. A partir de pesquisa bibliográfica, documental e de campo, o estudo examina casos internacionais (como Barcelona, Lisboa e Dublin) e o recente *Porto Maravalley*, no Rio de Janeiro, evidenciando que, embora essas iniciativas busquem impulsionar atividades inovadoras e tecnológicas, acabam frequentemente associadas à

financeirização e à produção imobiliária, gerando processos de gentrificação, conflitos socioespaciais e reestruturação urbana. Tunes argumenta que os distritos inovadores, ainda que simbolizem modernização e criatividade, revelam a permanência de uma lógica de acumulação que subordina o urbano às dinâmicas do capital, ampliando desigualdades e transformando profundamente a produção social do espaço nas metrópoles contemporâneas.

O terceiro texto que tem por título “As condições gerais de produção: um conceito potente para se compreender as aglomerações urbanas e regionais”, da geógrafa brasileira Sandra Lencioni, apresenta uma reflexão aprofundada sobre o conceito marxista de condições gerais de produção e sua relevância para a compreensão das megarregiões contemporâneas. A autora distingue tais condições – materiais e imateriais – dos simples equipamentos de infraestrutura, ressaltando que sua característica essencial é o consumo socializado, voltado à reprodução do capital e da vida. Lencioni explica como essas condições estruturam a relação espaço-tempo no capitalismo, ao buscar a “anulação do espaço pelo tempo”, e mostra que redes topográficas e virtuais configuram novas hierarquias espaciais. Ao analisar a concentração dessas condições nas megarregiões globais, com destaque para a Rio de Janeiro–São Paulo, a autora demonstra que tais espaços constituem o novo poder econômico mundial, articulando fluxos materiais, informacionais e humanos. Conclui que a urbanização contemporânea expressa uma “segunda natureza” produzida pela metropolização do espaço, na qual natureza e técnica se entrelaçam sob a lógica da acumulação, redefinindo fronteiras, escalas e modos de vida.

O capítulo quatro é intitulado de “El nuevo despilfarro urbano de la Ciudad de México. Especulación y urbanización financierizada”, do pesquisador mexicano Víctor Delgadillo, examina as transformações recentes da Cidade do México diante do avanço da financeirização imobiliária, que converte

o espaço urbano em ativo financeiro e intensifica a segregação socioespacial. O autor define o conceito de “*despilfarro urbano*” como a produção de edifícios e megaprojetos não destinados ao uso efetivo, mas à valorização especulativa, expressando a lógica do capital financeiro global que transforma imóveis, solo e infraestrutura em mercadorias fictícias. Com base em ampla pesquisa empírica, Delgadillo identifica três ondas de urbanização financeirizada – a da habitação social periférica (1990-2000), a do desenvolvimento intraurbano verticalizado e a atual, vinculada ao *nearshoring* industrial e logístico —, destacando o papel ativo do Estado na promoção de instrumentos como FIBRAS, CBFI e certificados de capital de desenvolvimento. O estudo mostra que entre 2010 e 2023 foram realizados 423 megaprojetos, concentrados no centro e no oeste da cidade, com forte presença de grupos como FIBRA UNO, CARSO e Be Grand, e dependência da Bolsa Mexicana de Valores. Conclui que o novo *boom* imobiliário produz uma cidade excludente, insular e especulativa, marcada por edifícios vazios, aumento dos preços do solo e deslocamento populacional, configurando um desperdício urbano estrutural apoiado por governos de diferentes matizes políticos.

O quinto capítulo da geógrafa argentina Andrea Gutiérrez está intitulado de “Capitalismo de plataformas y transporte público: apuntes para una economía política de las Smart Cities”, analisa a penetração do capitalismo de plataformas no transporte público urbano, interpretando-a como expressão da quarta revolução tecnológica e de uma nova fase da acumulação capitalista. A autora demonstra que a introdução dos sistemas de boleto eletrônico reconfigura profundamente o processo produtivo do transporte público, deslocando a comercialização para plataformas digitais e incorporando novos atores econômicos – empresas de telecomunicações, tecnologia, finanças e serviços avançados – que passam a integrar cadeias globais de valor. Essa transformação gera um desdobramento inédito: o transporte público produz simultaneamente duas mercadorias – o serviço de deslocamento e os grandes dados

geoespaciais –, cujas relações de produção e apropriação ainda carecem de regulação estatal. Gutiérrez argumenta que o Estado, embora central na organização do transporte como serviço público, tem acompanhado de forma insuficiente as mudanças tecnológicas e institucionais impostas pelas plataformas digitais, resultando em novas assimetrias de poder, dependências tecnológicas e vazios normativos. O texto conclui que o capitalismo de plataformas redefine a economia política da mobilidade urbana e impõe desafios urgentes à governança e ao financiamento do transporte público nas *Smart Cities* contemporâneas.

O artigo “Novos traços da terciarização no Rio de Janeiro: divisão territorial do trabalho e espaços da globalização na cidade”, do geógrafo brasileiro Roberto Barreto Alvarez é o sexto capítulo do livro e investiga como o avanço da economia de serviços redefine a organização espacial e produtiva da metrópole carioca, tomando a Zona Portuária como recorte empírico central. A partir de pesquisa documental e de campo, o autor analisa o processo de terciarização contemporânea associada à reestruturação urbana e ao projeto Porto Maravilha, observando a instalação de serviços às empresas, financeiros, jurídicos e de consultoria que expressam novas formas de divisão territorial do trabalho. Inspirado em autores como Milton Santos, Lipietz, Chesnais e Corrêa, o autor demonstra que a presença de corporações como Enel, L’Oréal, Nissan, Grano e Novonor traduz a incorporação de “serviços internos” às cadeias produtivas globais e a emergência de espaços da globalização voltados à gestão, inovação e informação. Contudo, o estudo conclui que, embora revele uma modernização técnica e corporativa, a terciarização da Zona Portuária ainda é incipiente e marcada por fragmentação espacial e desigualdade, reproduzindo a lógica seletiva e excludente da urbanização contemporânea.

O último capítulo do livro do pesquisador argentino Juan Pablo Venturini intitulado de “Periferias dispersas, segregadas y fragmentadas. Un recorrido por las metrópolis latinoameri-

canas y por el sur de la Región Metropolitana de Buenos Aires (RMBA) con foco en la renta del suelo”, analisa as transformações recentes das periferias metropolitanas latino-americanas sob o prisma da renda do solo e da expansão urbana associada à acumulação capitalista neoliberal. O autor caracteriza a urbanização dispersa como um padrão global que redefine a relação entre cidade e campo, articulando fragmentação espacial, baixa densidade e crescente segregação socioeconômica. A partir de uma abordagem histórico-geográfica e de um estudo de caso na zona sul da RMBA, especialmente no “Corredor Verde Canning–San Vicente”, Venturini demonstra como a busca por solo barato e urbanizável impulsiona a reprodução de periferias dispersas e desiguais, onde o capital imobiliário captura rendas extraordinárias derivadas da transformação de usos rurais em urbanos. O capítulo evidencia o papel subsidiário do Estado, que, ao facilitar a valorização do solo e a expansão de urbanizações fechadas, reforça a privatização da produção do espaço e os conflitos territoriais. Conclui que a urbanização neoliberal latino-americana produz novas fronteiras de acumulação e exclusão, revelando a contradição entre a lógica da renda fundiária e o direito ao território.

Os textos reunidos neste volume oferecem um panorama instigante e interdisciplinar sobre as transformações do capitalismo contemporâneo e suas expressões espaciais com foco na América Latina, abordando desde as metamorfoses territoriais e a financeirização urbana até os novos arranjos produtivos e tecnológicos que moldam as cidades latino-americanas. Em diálogo entre diferentes autores e contextos – da reestruturação capitalista global à emergência dos distritos de inovação, das megarregiões urbanas à especulação imobiliária e ao capitalismo de plataformas –, as análises convergem na compreensão crítica do espaço como dimensão estratégica da acumulação e da reprodução social. Ao articular teoria e empiria, esses capítulos evidenciam as múltiplas escalas e temporalidades do desenvolvimento de-

sigual e convidam o leitor a refletir sobre os desafios contemporâneos da governança urbana, da justiça territorial e do direito à cidade, revelando a atualidade e a urgência das discussões apresentadas.

Reestructuración capitalista y metamorfosis territorial

PABLO CICCOLELLA¹

Introducción: Contextos y dimensión histórica de las transformaciones

Las tres últimas décadas han conformado un período histórico que se caracteriza por profundos y sucesivos cambios en el sistema capitalista. Si bien este proceso comenzó en los **años setenta y ochenta en Japón**, Estados Unidos y Europa, recién en los años noventa esos procesos se consolidan y comienzan a tener impacto en América Latina. Nos referimos a transformaciones en el régimen, dinámica y núcleos de la acumulación capitalista, en los recursos científico-tecnológicos, en la configuración del Estado y de las políticas, en la organización social, en el modelo cultural, y en las formas de producción del espacio, que llevaron a fuertes transformaciones territoriales.

Más precisamente, es a partir de la primera década del siglo XXI cuando comienza a producirse una tensión entre distintas fracciones del capital concentrado, que se expresa en la disputa por la hegemonía en el proceso de acumulación entre grandes firmas industriales, energéticas, financieras, inmobiliarias y, de manera más reciente, en la constitución de gigantes de la informática y la digitalización de la economía. Esta puja se refleja en el territorio a través de la relocalización industrial y el

¹ Profesor Consulto de la Universidad de Buenos Aires (UBA), Director del Programa de Investigación sobre Desarrollo Territorial y Estudios Metropolitanos (PDTEM), del Instituto de Geografía de la UBA y Profesor Visitante en el Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) de la Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Este trabajo se realiza en el marco del financiamiento de un proyecto UBACyT de la Universidad de Buenos Aires, radicado en el Instituto de Geografía de esa Universidad y de una Bolsa de apoyo a pesquisa de la Universidade do Estado do Rio de Janeiro. pablogger57@gmail.com

desarrollo de los espacios de logística, en la intensificación de la producción de suelo urbano y en la hipertrofia de los mercados inmobiliarios que producen ciudad y suburbios a gran escala gracias a su vinculación íntima con el proceso de *financiarización* y *titulización* de bienes raíces. También esto se observa en el rediseño de la circulación y el consumo de bienes y servicios, que está transformando las escalas y la percepción del espacio a partir de la plataformización-digitalización, exponencialmente fortalecida por la multiplicación de aplicaciones de Internet y la utilización creciente y acelerada de inteligencia artificial.

A partir de mediados de los años dos mil se va definiendo un contexto inédito, en el que se desarrollan los procesos mencionados más arriba, que caracterizamos como una *crisis universal, multidimensional* y *crónica*. En efecto, es *universal* porque el proceso de globalización ha construido un sistema-mundo en el que los conflictos y tensiones se propagan al conjunto de las formaciones territoriales que constituyen el mundo contemporáneo. Es *multidimensional* porque se expresa en diferentes dimensiones: económica, tecnológica, política, geopolítica, social, ambiental, ética, cultural y sanitaria, entre otras (Ciccolella, 2024). Es *crónica*, porque no se trata de una crisis transitoria, sino que se ha transformado en una forma de gobierno o regulación. La contextualización e historicización de las transformaciones recientes del sistema capitalista constituye una de las hipótesis rectoras de este trabajo.

La dimensión política de la crisis se manifiesta en el avance del neoliberalismo expresado en distintas formas ideológicas de derechas y ultraderechas, en las dos últimas décadas, acompañado de retrocesos, dificultades y contradicciones de los gobiernos progresistas, populares o de izquierda. Ello ha planteado escenarios de inestabilidad e incertidumbre, de pérdida de calidad institucional, así como de amenazas a la convivencia social y a la democracia, abriendo espacio a regímenes autoritarios en los que se fortalece la producción de normas que dan respuesta a demandas del capital concentrado y del orden económico global. El Estado neoliberal, al decir de Lazzarato (2020), desempeña un papel central en la financiarización al transformar los ingresos, los salarios, las pensiones, e incluso la